



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”**  
**Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda**

**MARIA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA**

**MODA EVANGÉLICA**  
**COMPREENDENDO E EQUILIBRANDO TRADIÇÃO E TENDÊNCIAS DE MODA**

**AMERICANA, SP**  
**2024**

**MARIA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA**

**MODA EVANGÉLICA  
COMPREENDENDO E EQUILIBRANDO TRADIÇÃO E TENDÊNCIAS DE MODA**

**Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia “Ministro Ralph Biasi”.**

**Área de concentração: Consumo de moda**

**Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato**

**AMERICANA, SP**

**2024**

## FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana Ministro Ralph Biasi- CEETEPS Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

SILVA, Maria Aparecida Rodrigues da

Moda evangélica: compreendendo e equilibrando tradição e  
tendências de moda. / Maria Aparecida Rodrigues da Silva –  
Americana, 2024.

45f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda)  
- - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi –  
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

1. Comportamento do consumidor 2. Cultura e sociedade 3.  
Moda. I. SILVA, Maria Aparecida Rodrigues da II. ROMANATO,  
Daniella III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza –  
Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.89

316.7

687016

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de  
ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

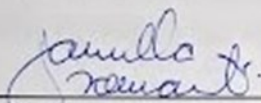
MARIA APARECIDA RODRIGUES DA SILVA

**MODA EVANGÉLICA**  
**COMPREENDENDO E EQUILIBRANDO TRADIÇÃO E TENDÊNCIAS DE MODA**

Trabalho de graduação apresentado  
como exigência parcial para obtenção  
do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda  
em 2024 pelo CEETEPS/Faculdade de  
Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: 05/12/2024

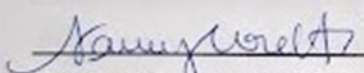
Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

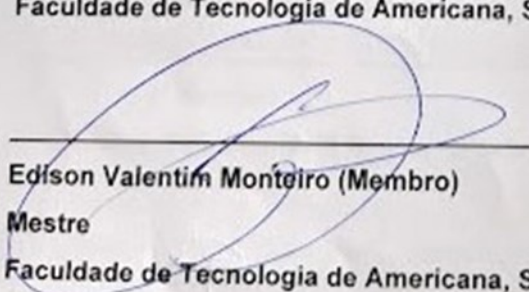
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Nancy de Palma Moretti (Membro)

Doutora

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Edison Valentim Monteiro (Membro)

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho acadêmico a todos  
que me auxiliaram a conquistar este título  
impulsionador de meu crescimento  
intelectual, cultural, profissional e pessoal.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por todas as bênçãos que me concedeu que durante todo o curso.

Agradeço a minha orientadora por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

A todos os meus professores do curso pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Em especial à minha filha por ter me apoiado e incentivando me sempre no decorrer de minha jornada.

Também agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos.

## RESUMO

Atualmente, muito se fala sobre moda evangélica, mas pouco se sabe sobre as normas e necessidades de cada segmento. Desta forma, este trabalho de conclusão do curso de têxtil e moda, visa explicar a sociedade para que possa assimilar e não formar uma visão preconceituosa com relação as vestes femininas das mulheres evangélicas e cristãs. Permite ajudar as mulheres evangélicas a se vestir na moda dentro dos parâmetros disciplinares e compreender os conceitos e termos usados na determinação de suas roupas, com base nas citações bíblicas. Busca entender a definição de moda evangélica e cristã e os seus valores na vestimenta femininas. Aborda os motivos da adoção da saia jeans como um padrão ou espécie de uniforme usado pelas evangélicas. Permite aprender e entender as influências do mundo da moda nas disciplinas evangélicas e cristã para que ajude a compreender melhor à vestimenta tradicional com o desejo por tendências demonstrado pelas mulheres seguidoras destas denominações religiosas.

**Palavras-chaves:** Moda evangélica; Parâmetros disciplinares; Tendências.

## **ABSTRACT**

There is much talk about evangelical fashion these days, but little is known about the standards and needs of each segment. Therefore, this final project for the textile and fashion course aims to enlighten society so that it can assimilate and not form a prejudiced view regarding the clothing of evangelical and Christian women. It helps evangelical women to dress fashionably within the disciplinary parameters and understand the concepts and terms used in determining their clothing, based on biblical quotations. It seeks to understand the definition of evangelical and Christian fashion and its values in women's clothing. It addresses the reasons for the adoption of the denim skirt as a standard or type of uniform worn by evangelical women. It allows learning and understanding the influences of the fashion world on evangelical and Christian disciplines to help better understand traditional clothing with the desire for trends demonstrated by women who follow these religious denominations.

**Keywords:** Evangelical fashion; Disciplinary parameters; Fashion trends.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “A tentação de Adão e Eva”, iluminura do século X. ....	11
Figura 2 – A moda feminina no século XIII.....	12
Figura 3 – Mudança na moda feminina entre 1445 e 1460 .....	13
Figura 4 – Pinturas rupestre da Caverna de Lascaux, na França (17.000 a.C.) .....	13
Figura 5 – Ramificações do cristianismo .....	14
Figura 6 – Mapa das regiões do Antigo Testamento, e o mapa atual com seus novos territórios .....	16
Figura 7 – Roupas usadas pelos egípcios, assírios, judeus e romanos de c. 1.200 a.C. a 300 d.C.....	17
Figura 8 – Sobrevestes dos hebreus.....	18
Figura 9 – Fundadores da Assembleia de Deus .....	25
Figura 10 – Profissões e/ou ocasiões que seguem disciplinas vestuais .....	26
Figura 11 – Religiões que usam roupas tradicionais.....	28
Figura 12 – Religiões que usam roupas tradicionais.....	29
Figura 13 – Características de roupas de moda evangélica .....	31
Figura 14 – Flor Fabulosa e Ponto Celeste.....	35
Figura 15 – Via Tolentino .....	35
Figura 16 – Quezia Querem Marsola .....	37

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	10
2	Religião e Moda .....	11
3	A moda segundo a bíblia .....	16
3.1	Evangélica, protestante ou de crente? .....	21
3.2	Moda evangélica.....	23
3.2.1	Disciplinas vestuais religiosas.....	26
3.2.2	Moda evangélica brasileira atual .....	30
3.3	Mercado de moda feminina modesta, descente e discreta.....	34
4	Conclusão .....	38
	Referências .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, muito se fala sobre moda evangélica, mas pouco se sabe sobre as normas e necessidades de cada segmento.

Desta forma, a realização deste trabalho se justifica pelo fato de algumas mulheres de segmentos religiosos mais rigorosos em relação ao vestuário, se sentirem fora de moda, enfrentando preconceito, e até mesmo *bullying*, por parte dos que estão de fora destas normas.

Este trabalho se baseia nos valores e princípios instituídos pelas igrejas na veste feminina, os quais estão sendo abandonados para serem substituídos pelos modismos atuais e de uso coletivo imposto pelas mídias, a qual têm grande influência nas ações e decisões da massa social, definindo o padrão feminino adequado.

Com isso, surge o questionamento de como equilibrar as necessidades por vestimentas tradicionais com o desejo por tendências de moda?

Para auxiliar no equilíbrio entre as necessidades por vestimentas tradicionais com o desejo por tendências de moda, uma hipótese é decifrar conceitos e termos usados na determinação destas roupas, principalmente as femininas. Isto ajudará na compreensão dos valores da disciplina cristã e evangélica.

Tudo na vida tem regras e disciplinas. Um exemplo é o fato de que uma pessoa para exercer a medicina, para ser médico, precisa passar por um aprendizado, com regras e normas que precisam ser respeitadas, e isso inclui suas roupas, calçados, cabelos e etc.

Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo ajudar as mulheres a entenderem o valor das vestes dentro da disciplina das igrejas que tem regras de vestuário mais rígidas. Para atingir este objetivo, será feita a relação entre moda e religião, buscando citações bíblicas que se referem a moda e dão base a disciplina no vestir, principalmente das mulheres. Também serão esclarecidos conceitos e termos usados na determinação destas roupas, principalmente as femininas. Por fim será feita a definição do que é moda evangélica, analisando os valores da vestimenta feminina destas igrejas evangélicas mais rígidas, pesquisando quais outras igrejas adotam vestimentas tradicionalistas rígidas, para, então, apontar as influências do mundo da moda, o que pode ou não.

Este trabalho de conclusão de curso terá sua pesquisa baseada em livros, artigos, sites especializados no assunto.

## 2 RELIGIÃO E MODA

Atualmente, muito se fala sobre moda evangélica, mas para entender este segmento, antes é importante compreender alguns conceitos.

Antes do surgimento do conceito de moda, segundo Flügel (1966, p. 12), a ato de cobrir o corpo teve três finalidades: primeiramente, para proteger do frio. Mais tarde, notou-se que a roupa era feita como adorno e não por necessidade. Após a introdução do cristianismo e o conceito de pecado, a vestimenta passou a ser utilizada para cobrir partes íntimas consideradas impróprias, ou vergonhosas, como se vê, por exemplo, neste trecho da bíblia, comentado por Ortega (2022):

Quando o homem e a mulher comeram do fruto do conhecimento do bem e do mal (Gn 3), a Bíblia é bem enfática em mostrar que seus olhos se abriram e “perceberam que estavam nus” (Gn 3.7). Nota-se que essa colocação é de extrema importância, pois o autor narrou aquele momento pontuando a percepção deles na diferença da sua natureza; ele se dedicou a fazê-lo mostrando que se deram conta da sua nudez e “juntaram folhas de figueira para cobrir-se” (Gn 3.7b).

Figura 1 – “A tentação de Adão e Eva”, iluminura do século X.



Fonte: PATRIMONIO NACIONAL, S/d., p. 18R.

Ainda sobre o vestir, segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998), existem diferentes termos para sua referência:

- **Roupa:** s.f. (Do gót. *Roup*; relacionado com roubar; também de orig. germ.) 1. Designação genérica de peças de vestuário; vestes, vestimenta, indumentária, traje, fatiota. – 2. Peça de pano de uso doméstico. – 3. *Roupa de baixo*, conjunto das peças interiores do vestuário masculino e feminino; roupa íntima.
- **Vestuário:** s.m. (Do lat. *vestuarium*), traje ou estilo de roupa utilizado em diferentes épocas, culturas e lugares.
- **Indumentária:** s.f. 1. Arte do vestuário. 2. Conjunto do vestuário de determinada época, região ou povo. 3. Roupa, traje.

Já o conceito de moda teria surgido apenas por volta do século XV, na aristocracia de Borgonha (atualmente parte da França) em que, “ao tentarem variar suas roupas para diferenciar-se dos burgueses, os nobres fizeram funcionar a engrenagem — os burgueses copiavam, os nobres inventavam algo novo, e assim por diante” (Palomino, 2004), como se observa na Figura 3, em que em 15 anos a roupa feminina mudou bastante, diferentemente do que acontecia anteriormente, como se vê na Figura 2, em que as mudanças eram mínimas.

Figura 2 – A moda feminina no século XIII



Fonte: Adaptado de BLOSHKA, 2023.

Figura 3 – Mudança na moda feminina entre 1445 e 1460



Fonte: BLOSHKA, 2023.

Em relação ao termo evangélico, antes é preciso entender um pouco da história da formação das religiões e os conceitos que as envolvem.

Se acordo com Silva (S/d.), a palavra “religião” tem origem da expressão latina “*religio*”, que tem como significado mais aceito o termo “religar”. “Essa ideia faz menção ao fato de que, por meio da religião, o homem religa-se aos deuses e ao sagrado”, fazendo “referência ao conjunto de crenças e visões do mundo que forma as noções de espiritualidade e de sagrado do ser humano”, fazendo “o ser humano acreditar na existência de uma entidade ou ser superior”.

Neste sentido, em alguns artigos, encontra-se que a religião teria surgido ainda na pré-história, em que os fenômenos naturais eram entendidos como uma manifestação divina. Desta forma, o que havia era uma crença e não uma religião.

Na Figura 4 pode-se ver pinturas rupestres<sup>1</sup> feitas por caçadores do período Paleolítico Superior (30.000 a 12.000 a.C.), que tinham a crença de que se fizessem a pintura de um animal na parede, poderiam capturá-lo no momento de sua caça.

Figura 4 – Pinturas rupestre da Caverna de Lascaux, na França (17.000 a.C.)



Fonte: HIGA, S/d.

<sup>1</sup> Pintura rupestre: pinturas feitas nas paredes das cavernas.

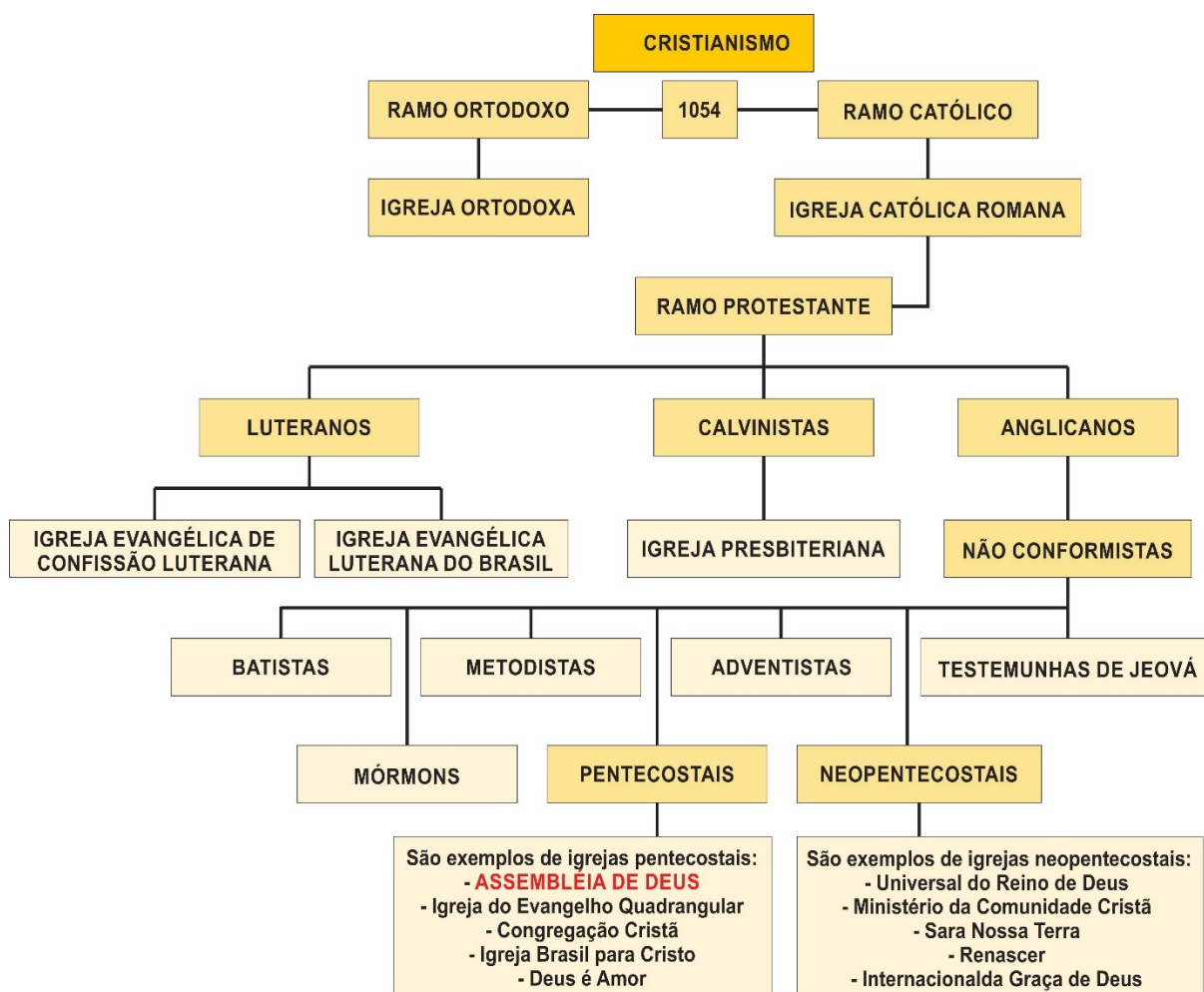


De acordo com Campos (2024), os sistemas religiosos mais definidos teriam sido desenvolvidos pelas sociedades antigas entre 10.000 a.C. e 5.000 a.C., como, por exemplo, os sumérios, que “adotaram um politeísmo antropomórfico, atribuindo características humanas aos deuses que governavam o céu, a terra e os elementos”. Além disso, também desenvolveram templos e rituais religiosos que “eram parte integrante da vida social e política dessas civilizações, estabelecendo uma estrutura hierárquica teocrática”.

Na Idade Antiga, muitas foram as religiões adotadas pelas diversas civilizações. Dentre elas, o **cristianismo**, que é uma religião monoteísta que se baseia nos ensinamentos de Jesus Cristo, que seria o filho de Deus e o Messias prometido nas escrituras do Antigo Testamento.

Segundo o site *Aventuras na História* (2019), “no início do século 19, os seguidores do cristianismo somavam 230 milhões. Hoje são mais de 2 bilhões”.

Figura 5 – Ramificações do cristianismo



Fonte: Adaptado de O POPULAR, 2002.

De acordo com o site G1, a pesquisa Datafolha publicada em 13 de janeiro de 2020 pelo jornal “Folha de S. Paulo” “aponta que 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos, e 10% não têm religião”.

Neste sentido, no Brasil, os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram que:

A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. (IBGE, 2012)

Santos (S/d.) afirma que “nos últimos trinta anos, a quantidade de evangélicos no Brasil cresceu muito. De acordo com o IBGE, o público que em 1991 era 12,6 milhões, em 2020 tende a chegar a 109 milhões”.

Dentro deste contexto, chega-se ao ponto em que se pode começar a entender o que seria a moda evangélica, pois Rossi (2015, p. 21) afirma que “para a pessoa que crê em uma religião existem condutas específicas para as práticas nos espaços religiosos, o que levanta a questão de determinadas normas para as roupas que devem ser usadas nesse meio”, ou seja, para cada espaço específico, é preciso estar vestido de forma adequada.



### 3 A MODA SEGUNDO A BIBLÍA

Moda e religião se relacionam com a veste, a cultura e a história de um povo, entendimento afirmado por Lima (2020, p. 43) quando diz que “o vestir moda por cristãos deve estar ligado com o que é ser cristão e na base do cristianismo”.

Neste sentido, no capítulo anterior já foi explicada a origem do cristianismo. Agora, faz-se necessário entender o que é ser cristão, no sentido comportamental, que implica no vestuário, mas para isto, antes será preciso entender a roupa neste momento histórico.

De acordo com Mallet (S/d.), “a Bíblia é uma coleção de 66 livros - inspirados por Deus. A Bíblia reúne escritos do período entre 1500-1400 a.C. a 100 d.C.”.

Apesar das datas das histórias do Antigo Testamento não serem exatas, e que, como afirma Lima (2020, p. 17), “as misturas culturais do povo traziam contaminação de costumes”, tendo sido, por vezes, até passíveis de punição e correção por seu Deus, não se tem uma roupa específica.

Desta forma, analisando o mapa das regiões em que se passaram as histórias do Antigo Testamento (Fig. 6).

Figura 6 – Mapa das regiões do Antigo Testamento, e o mapa atual com seus novos territórios



Fonte: SILVA, 2017.

A partir da delimitação dos territórios bíblicos, pode-se observar as roupas usadas por estes povos nos anos antes de Cristo (Fig. 7), em que se observa que homens e mulheres usavam túnicas.

Figura 7 – Roupas usadas pelos egípcios, assírios, judeus e romanos de c. 1.200 a.C. a 300 d.C.



Fonte: Da autora, 2024.

Com estes dados e imagens, agora é possível analisar as escrituras bíblicas em relação ao vestuário cristão.

Em Gênesis, o primeiro dos livros do conjunto bíblico analisado, Gower (2002 apud Lima, 2020, p. 16) descreve as roupas usadas, tanto por homens quanto por mulheres, eram simples, compostas por “uma tanga por baixo de todas as peças, uma túnica, com mangas quadradas que iam até a altura do joelho e um manto, que era feito de um tecido geralmente de linho fino, saco de cilício ou pele de camelo, em formato quadrado”. Além disso, também há determinações de como deve ser sua confecção, sendo que “o tecido não possuía costura neste caso e era usada pesa apenas no ombro direito por suas extremidades, enquanto o braço esquerdo ficava por cima e de fora. O ajuste era feito por um cinto geralmente de couro”.

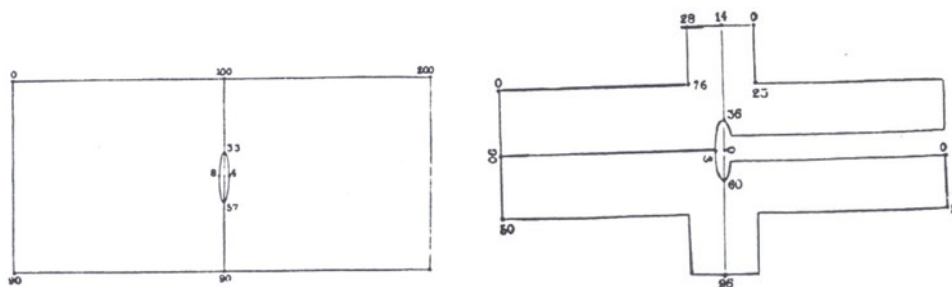
Segundo Köhler (1993, p. 78) “são por demais escassas as representações que possuímos da indumentária do povo hebreu”, “com exceção dos poucos exemplares encontrados nas ruínas de Nínive” (cidade do território Assírio, que teria sido fundada por volta do século XVIII a.C., atual território do Iraque). Além disso, Köhler também se baseia nas descrições fornecidas pelo Antigo Testamento para descrever as roupas usadas pelos hebreus neste período, em que “o traje mais primitivo consistia em uma espécie de saia e uma capa”.

No reinado de Davi (que reinou Israel no período de 1055 a 1015 a.C.), de acordo com Köhler (1993, p. 78), “por influência dos assírios e dos fenícios, os tecidos foram aos poucos tornando-se melhores e mais requintados”.

Já em relação a modelagem, basicamente, são encontradas mais informações dos trajes masculinos. Os trajes femininos podem ser observados através de interpretações nos baixos relevos de antigas ruínas, como as de Nínive.

Desta forma, Köhler (1993, p. 78) descreve o traje masculino desta época do reinado de Davi como “uma espécie de camisa de corpo inteiro, com mangas de comprimento variável, e uma peça de tecido retangular que se enrolava ao redor do corpo da forma como se desejasse” (Fig. 8), podendo ser ajustada por cinto feito de couro, auxiliando a “manter firme nos quadris a roupa de baixo”, e, por cima, “usava-se o tradicional manto semelhante a uma capa”. Os tecidos mais utilizados eram o linho e a lã. No caso dos sacerdotes, segundo Lima (2020, p. 16), usavam “matos com peles de ovelhas, ou cabrito além da pele de camelo”, e quando não estavam em casa, usavam sandálias “com solas de madeira ou de couro, com correias que passavam por cima do peito do pé e amarravam nas panturrilhas”.

Figura 8 – Sobrevestes dos hebreus



Fonte: KÖHLER, 1993, p. 78.

Sobre o vestuário feminino, apesar da semelhança com as masculinas em relação a modelagem, Lima (2020, p. 19) cita que “o que diferenciava as mulheres eram as cores das roupas, o estilo de sandálias e sapatos, as joias, unguentos e cosméticos que elas usavam”. Além disso, Lima (2020, p.16) cita que “as mulheres usavam véu na presença dos estranhos”.

Em uma época posterior, segundo Köhler (1993, p. 78-79), no período próximo ao cativeiro assírio (722 a.C.), o vestuário tornou-se mais ornamentado devido as influências assírias ou babilônicas, em que, por exemplo, o cinto “passou a ser confeccionado com um tecido caro, entremeado de ouro, ou com metal enfeitado de pedras preciosas”. Os sumos sacerdotes passaram a usar uma capa retangular “ornamentada nas quatro extremidades com borlas de cor púrpura, como recordação das leis de Jeová”. Devido a esta veste ostentatória, mais tarde, “os escribas e fariseus tentaram distinguir-se das pessoas comuns e marcar seu caráter eminentemente religioso”.

Como pode-se perceber, a Bíblia Sagrada, em vários trechos, orienta o uso de ornamentos e roupas (incluindo tipo de tecido, metragens adequadas, maneira de confeccionar, cores, etc.), seja em casa ou em espaços públicos.

Neste contexto, outro trecho que diz “a mulher não usará roupa de homem, nem o homem, veste peculiar à mulher” (Deuteronômio 22:5) (trecho de uma série de discursos de Moisés, que teria vivido entre os anos de 1.391 e 1.271 a.C.), é, constantemente, alvo de questionamentos, já que, como visto na figura 7, todos usavam túnicas. O que o trecho se refere, de fato, é o que explica Lima (2020, p. 46), que “a mulher cristã deve vestir-se com feminilidade e não com decoro andrógono em vestes, comportamento ou fala. Uma mulher cristã é biblicamente feminina e o homem masculino”. Além disso, “a mulher deve ser cuidadosa como em provérbios descreve, porém não deve ser devotada em adoração a sua própria beleza exterior e esquecer-se de manter uma vida bela no caráter em glorificação a Cristo Jesus”. Este ensinamento se completa com o texto de Timóteo 2:9-10 que diz que “da mesma forma quero que as mulheres se vistam **modestamente**, com **decência** e **discrição**, não se adornando com tranças, nem ouro, nem pérolas, nem roupas caras, mas com boas obras, como convém a mulheres que professam adorar a Deus” (grifo nosso).

Neste sentido, em relação ao vestuário feminino, Avanci (2021) cita Pedro 3:2-5 que diz que “sua beleza não deve vir de adornos externos, como o cabelo trançado e o uso de joias de ouro e roupas finas. Em vez disso, deve ser o seu ser interior, a beleza indecifrável de um corpo gentil e quieto”, ou seja, nas escrituras sagradas, quando se fala da modéstia, alerta que não é só em relação as vestes, mas também nas atitudes, pois “o que importa mais é a beleza interior e o que está no coração. Quem veste-se com o coração não está preocupado em chamar a atenção para si”. Desta forma, Avanci coloca outra questão que deve ser frisada que é a “falsa modéstia”. “De nada adianta estar coberta da cabeça aos pés e ter atitudes que levem ao pecado ou à hipocrisia. Então, para estar vestida de acordo com os preceitos cristãos, a mulher deve seguir uma linha tênue e além da modéstia ser também discreta e decente”. Lima (2020, p. 46) também aborda esta questão quando afirma que “não adianta ser apresentável com modéstia e decência e ter um caráter corrupto, indecente, e não adianta apresentar ter uma vida de caráter admirável, de espírito manso e tranquilo e vestir-se sem concordância com o cristianismo que uma pessoa procura expor”. Desta forma:

A modéstia vai além de vestir-se com sobriedade, precisa entender o porquê, querer viver o cristianismo, e vivê-lo com excelência e amor, a mulher deve ser cuidadosa como em provérbios descreve, porém não deve ser devotada em adoração a sua própria beleza exterior e esquecer-se de manter uma vida bela no caráter em glorificação a Cristo Jesus. (LIMA, 2020, p. 46)

Mas, ainda sobre a modéstia, Miranda (2008, p. 55 apud Nascimento, 2011, p. 31) alerta que está “não é universal, não tem o mesmo significado em todas as culturas. Uma parte coberta numa cultura pode perfeitamente ser exposta em outra sem culpa. A definição de modéstia muda de tempos em tempos em cada cultura”.

Como este trabalho objetiva explicar para cristãos ou não sobre o uso de roupas específicas por parte de alguns segmentos religiosos, é importante conceituar, com isenção de religiosidade, o significado das palavras modéstia, decência e discrição.

Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998):

- **Modesto:** adj. (Do lat. *modestus*.) 1. Que pensa a seu respeito ou fala de si mesmo sem orgulho; despretensioso, humilde. – 2. Moderado, desambicioso. – 3. Simples; pobre.
- **Decência:** s.f. (Do latim *decentia*.) 1. Respeito aos bons costumes; conveniência; decoro; reserva; honestidade; dignidade nas maneiras, na linhagem. – 2. Pundonor. – 3. Asseio, limpeza.
- **Discrição:** s.f. (Do latim *discretio*, separação, diferença, discrição.) 1. Qualidade do que é discreto. – 2. Circunspeção, prudência, tino; discernimento; sensatez. – 3. Recato, modéstia. – 4. Reserva, segredo.

A partir destes entendimentos, Lima (2020, p. 26) afirma que “Cristo e cultura não são em suma definitivos e sim precisa sempre estar em análise até que se cumpra toda escritura para os que em Cristo creem e buscam seguir conforme a bíblia o apresenta”.

Desta forma, Lima (2020, p. 46-47), interpreta estes preceitos:

Se vestir e acompanhar a moda, pelo próprio estudo de linguagem da moda é expressar comportamento, maneira de ser, cultura, então se deve entender que a modéstia, a decência e o bom senso, somente tem valor se estiver enraizada dentro do ser você, por isso ser cristão apenas por seguimento de tendência, porque é “Cool”, não te faz um cristão de verdade, precisa conhecer os fundamentos, bases e estruturas do cristianismo e da bíblia para que consequentemente se apresente com moda cristã evangélica, decente, de bom senso ao pudor e com modéstia.

### 3.1 Evangélica, protestante ou de crente?

Mais uma vez, objetivando o esclarecimento de qualquer pessoa que se interesse por moda, independentemente do segmento religioso ou não, outra dúvida recorrente é quanto ao termo correto ao se referir as roupas usadas por cristãos da Assembleia de Deus.

Após a consolidação do cristianismo, de acordo com Shelleys (2018 apud Lima, 2020, p. 30), o protestantismo cristão teria surgido em 1517, quando o alemão Martinho Lutero protestou contra as doutrinas impostas pelo catolicismo romano na condução de seus fiéis, ou seja, o termo **protestante**, segundo o dicionário Michaelis (2020 apud Lima, 2020, p. 30), vem de a palavra protestar, significa insurgir-se; demonstrar repulsa ou revolta; realizar ato de protesto. A partir deste fato, a igreja “passou por divisões de seguimentos segundo a fé e princípios baseados no seu livro de crença, mas com o passar dos tempos novas rupturas da patrística ocorreram com base em observações e estudos por filósofos cristãos”.

Segundo Bezerra (S/d.), “a doutrina de Martinho Lutero ficou conhecida como *Luteranismo*. Embora rejeitasse o nome, seus seguidores passaram a ser identificados como ‘*luteranos*’, porém o próprio Lutero preferia o termo ‘*evangélico*’”.

O termo **evangélico**, segundo Gonçalves (2022), teria duas explicações, sendo:

- a) A primeira, como já citado, teria aparece na Alemanha com o próprio Lutero, “como um termo positivo, ou seja, no sentido teológico de adequação da doutrina com o Evangelho”, “(...) portanto, são aqueles que procuram seguir o Evangelho de Jesus Cristo tornando a doutrina mais próxima dessa perspectiva”;
- b) A segunda teria surgido na Inglaterra, em que “se com Lutero o termo ganhou uma conotação bíblico-teológica, com os chamados *dissidentes ingleses*, o termo passou a ter um sentido político no século 17” em que os “evangélicos eram todos aqueles que não concordavam com a Igreja estatal e, para se diferenciarem, passaram a se intitular ‘*evangélicos*’”.

Já o termo **crente**, segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998), refere-se aquele “1. que crê; que tem fé religiosa. – 2. Que acredita, persuadido.”, ou seja, levando o termo no sentido literal, pode-se entender que todo cristão é crente, mas nem todo crente é cristão, isto porque o crente cristão é aquele que, especificamente, crê que “Jesus Cristo é o Filho de Deus e o único caminho para a salvação e redenção dos pecados” (Comunhão, 2023), porém o pastor e professor acadêmico, Geraldo Moyses Gazolli Junior (apud Comunhão, 2023), que é mestre em Ciências da Religião e doutorando em Teologia, explica que o termo “crente”, como conhecemos, é algo criado no Brasil.

Segundo o professor Gazolli Junior (apud Comunhão, 2023), “os missionários do século XIX que chegavam aqui queriam se distinguir dos católicos, então, diziam que eram ‘crentes em nosso Senhor Jesus’. Com o passar do tempo, esse termo foi abreviado apenas para ‘crente’”.

Durante muito tempo o termo crente foi usado de forma pejorativa, por isso, aos poucos, com a crescente do segmento protestante no Brasil, o termo foi sendo substituído por evangélico.

O renomado cientista da religião Antônio Gouvêa Mendonça indicava em seus estudos que, de fora, o nome “crente” era muitas vezes carregado de preconceito e até de depreciação, entretanto, de dentro, era cheio de brio e de responsabilidade. Os crentes, embora compondo um grupo sociologicamente marginal, eram respeitados pelo seu amor à paz, à ordem e ao trabalho. Assim, o nome de crente trazia consigo um compromisso transparente de ser diferente perante a sociedade. (CUNHA, 2020)

Como pode-se perceber, apesar dos termos terem definições claras, seu uso nas diferentes igrejas, principalmente no Brasil, é controverso. Neste contexto, Alonso Gonçalves (2022), doutor em Ciências da Religião e professor na Faculdade de Teologia Sul Americana, afirma que:

Ainda assim, não é possível afirmar que todos os cristãos não católicos sejam **evangélicos**. Isso porque algumas igrejas e não poucos pastores, depois de recorrentes fatos envolvendo os evangélicos no Brasil, principalmente a partir de ações e falas de pastores e líderes midiáticos dessas igrejas, evitam o termo **evangélico** a fim de marcar posição contrária àquilo que os evangélicos na sua maioria defendem.

Sobre isso, Gonçalves (2022) ainda explica que:

O termo **protestante** não “pegou” entre as igrejas no Brasil. As igrejas que comumente chamamos de históricas não utilizaram esse termo para se identificarem. Um exemplo é quando surge a Confederação Evangélica Brasileira (1934), uma entidade formada por diferentes igrejas que não usou o termo **protestante** (já procurando uma aproximação com os católicos por meio do movimento ecumênico), mas sim **evangélicos**. Talvez seja por esse fato que o termo **evangélico** tenha sido usado para abranger um grupo maior de cristãos, ou crentes, como também já foram conhecidos, que não faziam parte da Igreja Católica. Assim, o termo **evangélico**, num primeiro momento, teve uma função muito parecida com o uso no contexto europeu: um termo que serviu para incorporar, para dar uma certa autonomia e identidade a um grupo não católico. Ainda assim, não é usual que igrejas conhecidas como **neopentecostais** ou **pós-pentecostais** sejam identificadas como evangélicas. E nem mesmo essas igrejas fazem questão de se identificarem como integrantes da camada dos “evangélicos” (embora a grande mídia as veja pertencentes ao mesmo grupo). Ao que parece não fazem questão de usarem o termo **evangélico** para se diferenciarem dentro do grande guarda-chuva da chamada “Igreja Evangélica Brasileira”.

Segundo Gonçalves (2022), “as Igrejas Luteranas, como já citamos, se identificam como Igreja Evangélica no nome. O mesmo pode ser visto na identificação de uma das maiores igrejas pentecostais no Brasil, que traz em seus templos ‘*Igreja Evangélica Assembleia de Deus*’”.

Desta forma, como este trabalho pesquisa, especificamente o segmento da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus*, entende-se que o termo adequado para designar estes praticantes e sua moda é “**evangélico**”. A partir disso, agora é possível falar sobre moda evangélica.

### 3.2 Moda evangélica

Como visto, desde os primórdios religiosos existem códigos de conduta que incluem formas adequadas de vestir para homens e mulheres. Neste contexto, apesar das roupas femininas e masculinas terem uma mesma base (a túnica), observa-se que, para estas comunidades, as mulheres tinham maiores restrições que os homens, provavelmente, devido a duas questões:

- a) **Sociedade patriarcal:** Mace (2022) analisa que esta forma de organização social em que predomina a autoridade paterna teria surgido quando os homens, ainda na pré-história, deixaram de ser nômades, passando a morar em um local fixo e a ter criação de animais, em que foi necessário desenvolver técnicas de defesa, mas “como as mulheres não tinham tanto sucesso nos combates



quanto os homens, por serem fisicamente mais fracas, seu papel caiu em relação a eles. Esse declínio ajudou os homens a ganhar poder, deixando-os encarregados dos recursos que estavam defendendo”. Mais tarde, em algumas sociedades, as famílias eram controladas pelo homem mais velho, o *patriarca*. na Roma Antiga (753 a.C.-476 d.C.) este tipo de sociedade se fortaleceu em que toda a autoridade era delegada ao homem, ao pai, ao poder do *pater familias*.

- b) **Novo testamento:** O apóstolo Paulo (c. 5 – c. 67) teria escrito o Livro de Efésios ou Carta de Paulo aos Efésios, que é o décimo livro do Novo Testamento. Nele há uma citação sobre esta relação de poder entre homens e mulheres, que diz “*Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo. Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável*” (Efésios 5:21-27). Sobre este texto, Lima (2020, p. 21) alerta que, no período de domínio romano, por não aceitarem o cristianismo, houve distorções como é o caso da palavra *submissão*, que neste trecho se refere a “*sob missão*”, que Jardim (S/d.) explica que estar “*sob a missão*” implica, no caso dos homens, “a difícil missão de ser pai, manter a família, educar os filhos etc., e Deus lhe deu a mulher para ajudá-lo nessa obra tão bonita e árdua”; já no caso das mulheres, “ser submissa ao marido não quer dizer que a mulher deve ser sua escrava ou empregada, nada disso, mas sim “*estar sob a missão dele*”, ajudá-lo”. Esta distorção, Lima (2020, p. 21) afirma que “isto interferiu em tudo referente às mulheres e também na vestimenta das mulheres”.

Além dos preceitos de modéstia, decência, discrição e submissão que são recomendados em muitas religiões, ainda falta explicar o motivo de vestimentas e costumes específicos para o segmento evangélico.

Segundo Corobim (2008, p. 7 apud Rossi, 2015, p. 33), as vestimentas das mulheres protestantes brasileiras teriam sido influenciadas pelas “mulheres dos missionários oriundos de países de climas mais frios que o nosso”.

Rossi (2015, p. 23) menciona que “as primeiras manifestações protestantes no Brasil ocorreram no século XVI e XVII, quando o Brasil foi invadido por nações europeias não lusas, como franceses e holandeses que trouxeram na bagagem seus ideais protestantes”. Já, especificamente, a Assembleia de Deus, segundo Mello (2010, p. 4 apud Rossi, 2015, p. 33) foi fundada no Brasil pelos missionários suecos Daniel Berg (1885-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), que chegaram a Belém em novembro de 1910.

Figura 9 – Fundadores da Assembleia de Deus



Fonte: PINTEREST, 2024.

Neste contexto, por serem oriundos de países com invernos rigorosos, suas vestimentas seguiam sua cultura, sendo, de acordo com Rossi (2015, p. 33-34) “geralmente longas, algumas bem coloridas ou extravagantes, apropriadas para a região de onde procederam”. Com isso, “a relação cultural das vestimentas de regiões frias e estrangeiras foi incorporada pela dinâmica feminina em terras brasileiras, que se traduziu em cabelos e roupas longos”.

### 3.2.1 Disciplinas vestuais religiosas

Como mencionado na introdução, tudo na vida tem regras e disciplinas. Um exemplo é o fato de que uma pessoa para exercer a medicina, para ser médico, precisa passar por um aprendizado, com regras e normas que precisam ser respeitadas, e isso inclui suas roupas, calçados, cabelos e etc. Ao escolher uma religião, também deve-se respeitar as normas de conduta e de vestuário.

Figura 10 – Profissões e/ou ocasiões que seguem disciplinas vestuais



Fonte: Da autora, 2024.

Especificamente no meio religioso, “moda como descrito e estudado vem de “*modus*”, que significa maneira, modos em latim, e os modos e maneiras de vestir para o cristão é diferente, assim como os modos e maneiras de vestir em cada sociedade e cultura” (Lima, 2020, p. 43). Desta forma, os tipos de roupas podem variar de acordo com a religião, com a sua tradição e até região onde se vive.

Na vertente evangélica histórica ou missionária, igrejas como Congregação Cristã no Brasil (CCB – a igreja do véu), Igreja Adventista do Sétimo Dia, Deus é Amor, algumas Assembleias de Deus, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), Testemunha de Jeová e outras, orientam as mulheres a usarem vestidos ou saias, blusas com mangas longas ou médias, cabelos longos, poucos acessórios ou joias – ou nada. Nessas igrejas, as calças são permitidas basicamente para frequentarem escolas ou para trabalhar. Já nos templos pentecostais e neopentecostais, as vestimentas das mulheres não obedecem muito ao rigor e não exigem cabelos longos e vestidos e saias abaixo dos joelhos. Nessas igrejas, a mulher pode usar quaisquer tipos de joias, maquiagem, piercing e até tatuagens. (VIDAL, 2023)

Fora do segmento evangélico, pode-se citar, por exemplo, a religião islâmica<sup>2</sup>, em que as mulheres passam por problemas similares a das evangélicas em relação a rigidez no vestuário. Na religião muçulmana, Machado (2007 apud Nascimento, 2011, p. 17) explica que é imposto o uso da *burca*<sup>3</sup> e/ou do *xador*<sup>4</sup>, ou, pelo menos o *hijab*<sup>5</sup>. Em outras religiões, o uso de lenços cobrindo a cabeça é obrigatório. Na Índia, a mulher usa o *sári*<sup>6</sup>, que é o traje tradicional das mulheres indianas e, frequentemente da religião hinduísta<sup>7</sup>, que ao entrar em um templo ou outro lugar religioso, usa a ponta do *sári* para cobrir a cabeça. As mulheres judias ortodoxas<sup>8</sup> casadas, também cobrem a cabeça com o *tiche*<sup>9</sup>, além de terem que usar vestidos sem decotes, comprimento abaixo dos joelhos e com meia manga ou mangas compridas. Os *amishs*<sup>10</sup>, além de adotarem uma vida isolada, rural e rústica (inclusive sem energia elétrica), as roupas femininas são escuras, largas, com comprimento até o tornozelo, meias pretas grossas, avental branco e sobre a cabeça usam uma touca branca ou lenço escuro. Para esta comunidade a ideia é que o guarda-roupa limitado elimine o orgulho e a inveja que vêm com a moda, além do desperdício de tempo e dinheiro.

---

<sup>2</sup> Islamismo: é uma religião abraâmica (refere-se a Abraão) monoteísta centrada no livro sagrado do Alcorão e nos ensinamentos de Maomé. Seus crentes são chamados muçulmanos.

<sup>3</sup> A *burca* cobre a mulher da cabeça aos pés, comportando apenas uma pequena tela na altura dos olhos e do nariz para permitir que pelo menos ela não sufoque e saiba onde pisa. (MACHADO, 2007 apud Nascimento, 2011, p. 17)

<sup>4</sup> O *xador* é mais liberal: cobre o corpo todo, mas deixa parte do rosto a mostra, entre as sobrancelhas e a boca. (MACHADO, 2007 apud Nascimento, 2011, p. 17)

<sup>5</sup> O *hijab* é o mais popular dos véus, que costuma cobrir apenas o cabelo, as orelhas e o pescoço.

<sup>6</sup> O *sári* é um traje tradicional das mulheres na Índia. Ele consiste em uma longa peça de pano com cerca de 6 metros de comprimento, tipicamente amarrada na cintura com uma das pontas disposta sobre um ombro.

<sup>7</sup> Hinduísmo: é um termo genérico para uma ampla gama de tradições religiosas e espirituais indianas. Usam os textos sagrados dos vedas como referência.

<sup>8</sup> Judeu ortodoxo segmento conservador do judaísmo, que cumprem estritamente os 613 preceitos estipulados pela Lei Judaica. Seu livro sagrado é a Torá que se baseia nos ensinamentos de Moisés.

<sup>9</sup> Os *tichéis* podem variar de um lenço de algodão simples e amarrado nas costas a elaborados revestimentos para a cabeça, usando vários tecidos e técnicas de amarração.

<sup>10</sup> Amish: é um grupo religioso cristão anabatista estabelecido nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes conservadores. Seu livro sagrado é a bíblia.

Figura 11 – Religiões que usam roupas tradicionais



Fonte: PINTEREST, 2024.

Como já mencionado, assim como as evangélicas, estas mulheres, principalmente quando jovens, também se incomodam com as regras de vestimentas impostas. De modo geral, com o tempo, o amadurecimento, e a melhor compreensão e devoção pela religião, estas mulheres passam a aceitar, e até se orgulhar de suas roupas e tradições.

Porém, cada religião, de certa forma, adota mecanismos para equilibrar tradição e desejos pelas tendências de moda, pois, como afirma Ribeiro (2021, p. 15) “a verdade é que os seres humanos são muito mais influenciados pela aparência física do que gostariam de admitir”.

Na religião mulçumana, Machado (2007 apud Nascimento, 2011, p. 17) explica que não há nada que impeça que estas mulheres “comuniquem seu *status* através do consumo de marcas de moda. Roupas estas que são usadas por baixo das burcas, acompanhadas de joias de alto custo e outros adornos”.

Figura 12 – Religiões que usam roupas tradicionais



Fonte: PINTEREST, 2024.

Já a comunidade Amish, segundo Salomone (2013), adota um rito de passagem, chamado *rumspringa* (significa algo como “correndo por aí”), que dura dos 16 aos 21 anos, quando estes jovens podem sair para “uma cidade grande por alguns dias, vestem roupas “modernas”, bebem ou usam drogas. Ninguém consegue controlá-los durante esses anos. Mas passa. Depois que entram para a igreja, tudo volta a ser como era antes. Quem resolver seguir outro caminho, tem que se afastar”.

Para entender como isto ocorre, é necessário diferenciar vaidade de zelo, em que se recorre a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998) que explica:

- **Vaidade:** s.f. (Do lat. *vanitas, vanitatis*.) 1. Desejo imoderado de chamar a atenção ou de receber elogios. – 2. Preocupação com a boa aparência, bem-vestir. – 3. Ideia exageradamente positiva que alguém faz de si próprio; presunção, fatuidade, gabo. – 4. Coisa vã, fútil; futilidade. – 5. Alarde, ostentação, vanglória.
- **Zelo:** s.m. (Do gr. *Zelos*, fervor, emulação, pelo lat. *zelus*.) 1. Cuidado para com qualquer pessoa ou coisa; desvelo. – 2. Empenho extraordinário na execução dos deveres, obrigações, etc. – 3. Afeição ardente e viva por alguém.

Aqui percebe-se que nem sempre estar atenta a tendências de moda e querer usá-las, quer dizer que esta mulher é vaidosa, mas sim zelosa e asseada, estando bem cuidada e com boa aparência para si e para seu marido, que por sua vez, também precisa ser zeloso consigo mesmo e com sua aparência.

A exemplo dos cuidados pessoais femininos, como explica o site “Bíblia.com” (S/d.), “não era plano de Deus que as mulheres tivessem excesso de pelos; este “probleminha” hormonal surgiu com o tempo”, desta forma, “não é errado que uma cristã ou qualquer outra pessoa se depile, pois está apenas corrigindo algo que seus hormônios fizeram em seu corpo (crescer pelos)”. Assim, “o fato das mulheres depilarem-se não é uma demonstração de vaidade, mas “higiene” e “cuidado” para com o corpo, sua estética e beleza”.

Neste mundo pecaminoso, onde muitas mulheres perderam o pudor a ponto de seduzir homens casados, a mulher cristã tem responsabilidade ainda maior de apresentar-se modestamente do modo mais agradável e atraente possível a seu marido. (BIBLIA.COM, S/d.)

O que é preciso compreender é que, como explica Silva (2004, p. 11-12), “todos os movimentos radicais querem proteger seus seguidores do mundo, negar e rejeitar antigas verdades e práticas, procurando estabelecer o novo ou restabelecer uma antiga pureza perdida pelos homens e mulheres ao longo do tempo”.

Silva et al. (2020, p. 12) percebe que “uma evolução cultural em torno da permissividade ligada às novas gerações, que por meio da exposição à tecnologia e redes sociais, constrói uma noção de limites mais ampla”. Desta forma, para guiar os jovens de famílias que seguem determinada religião, principalmente as que tem regras mais rígidas, é preciso entender qual a visão que eles têm “sobre os usos e costumes relacionados às práticas religiosas e a função dos líderes religiosos no futuro, no que diz respeito a conservação da tradição cultural da Assembleia de Deus no que tange às vestimentas”.

A partir disso, Silva et al. (2020, p. 13) sugere que pesquisas futuras explorem “o comportamento de jovens em relação ao consumo de roupas que atendem as regras impostas pela religião como por exemplo, vestidos e saias”. Apurar a opinião destes jovens, principalmente das mulheres, se faz necessário e urgente para que se possa direcionar o “mercado de roupas evangélicas para maior diversificação de estilos afim de atender a necessidade desses tipos de consumidor”.

### **3.2.2 Moda evangélica brasileira atual**

Retomando o conceito de moda e *modus*, como já mencionado, “dizer-se evangélico e frequentar denominadas igrejas não faz de um indivíduo um cristão, pois para entender a cultura em relação ao comportamento, assim como em relação à moda dita cristã evangélica, é preciso conhecer o cristianismo e vivê-lo como seguidor” (Lima, 2020, p. 43).

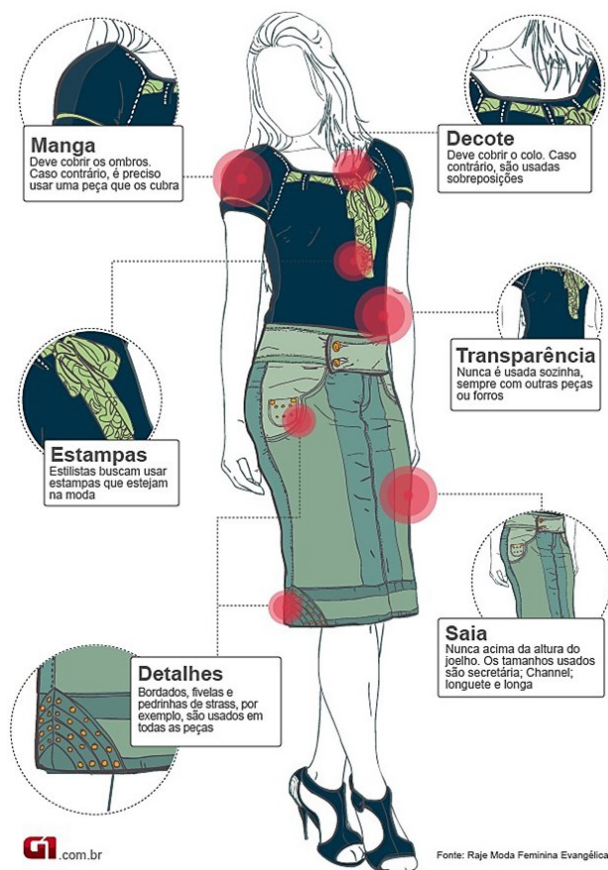
A moda evangélica por tempos foi diferenciada por seus costumes doutrinários regidos por líderes das igrejas cristãs, porém grandes diferenciações ocorreram e ocorrem entre as denominações das igrejas, por motivos de interpretações algumas podem usar certas vestimentas e outras não, seguindo o mesmo princípio para uso de acessórios, calçados, comunicação com parcelas diferentes da sociedade ou não e assim por diante. (Lima, 2020, p. 42)



Dessa forma, para Rossi (2015, p. 34), “os costumes cristãos são mantidos para a preservação da identidade da denominação”, portanto, “a seleção que as mulheres realizam com suas roupas específicas à doutrina que seguem, reflete uma relação entre o universo público e privado de seus corpos, no sentido que a escolha das vestimentas expressa sua identidade religiosa”.

Como se vê na figura a seguir, e comentada por Ribeiro (2021, p. 66), “as principais características das peças evangélicas estão no cobrimento de determinadas partes de seu corpo, entretanto compreendemos que o tamanho varia de pessoa para pessoa”, que também acredita que “a saia larga até os tornozelos e as blusas sem graça ficaram para trás”, pois hoje existe mais abertura, bom senso e compreensão do que é uma roupa modesta, decente e discreta / recatada, abrindo novas oportunidades para este nicho de mercado de moda feminina, que agrada, inclusive, mulheres não cristãs, como destaca o SEBRAE (2015, p. 45 apud Ribeiro, 2021, p. 23), em que “especialistas afirmam que cerca de 10% das consumidoras deste nicho não são evangélicas”.

Figura 13 – Características de roupas de moda evangélica



Fonte: G1, apud LIMA, 2020, p. 44.



Segundo Nascimento (2011, p. 21), “algumas assembleias têm experimentado mudanças comportamentais em relação às restrições no comportamento das mulheres, permitindo o corte de cabelo e a maquiagem, os quais eram considerados vaidade e, portanto, pecado”. Neste sentido, Gondin (1998 apud Nascimento, 2011, p. 30) realizou estudos que apontam que “é um desafio para religiões evangélicas consumirem moda, pois existe o receio de se ‘cair no mundanismo’”, necessitando que o pastores e fiéis saibam “discernir o que é pecado e o que é fruto do desejo de se socializar com outras pessoas que não fazem parte do mesmo grupo social”.

Na pesquisa realizada por Nascimento (2011, p. 30-31), foi percebido grande receio ao se falar sobre moda com as mulheres evangélicas pertencentes a Assembleia de Deus, sendo que “perguntas que se referiam diretamente a moda, eram ignoradas ou respondidas de maneira parcial”. Isto porque, “Para maioria do público pesquisado, moda significa expor alguma parte do corpo, se tornando uma mulher sem modéstia e vulgar”.

Sobre este aspecto, Silva et al. (2020, p. 10) também realizaram entrevistas com 9 mulheres da igreja Assembleia de Deus em Embu das Artes – SP, em que se observou que:

O que para muitos pode ser encarado como uma forma extremamente restritiva de se vestir, para esse grupo de mulheres é uma realidade que constitui o *status quo* e é reforçado diariamente pelos componentes da subcultura em que estão inseridas. Dentro desse universo, as mulheres não se sentem restringidas e utilizam-se da criatividade para criar formas de se expressarem sem fugir das práticas que são conceituadas como adequadas dentre os “usos e costumes” evangélicos.

Apesar disso, nas entrevistas realizadas por Silva et al. (2020, p. 9-10), foi constatado ainda que existem opiniões divergentes sobre o uso de calças por mulheres da Assembleia de Deus.

Como explica Nascimento (2011), é sabido que as vestes masculinas na igreja Assembleia de Deus está diretamente ligada ao uso de calças, as quais devem ser trajadas apenas pelos homens, para diferenciar os sexos e gêneros, porém, devido as necessidades da sociedade contemporânea, existem debates sobre o uso de calças por mulheres em caso de necessidade como, por exemplo, alguns tipos de trabalho ou práticas de esporte.

Essa conduta ainda é desencorajada pelas entrevistadas de idades mais avançadas praticantes da religião evangélica, com uma visão mais tradicionalista em torno dos "usos e costumes" e consequente preservação da identidade do grupo. Conclui-se, então, que existe um entendimento de que fora do convívio social religioso, o uso de calças é tolerado, como por exemplo no caso de execução de funções profissionais. Além disso, observa-se que esse uso também é tolerado para a prática esportiva ou de atividades ao ar livre, em contraponto aos contextos históricos relatados durante as entrevistas nos quais as entrevistadas relataram que tiveram que abrir mão de atividades, inclusive escolares, por conta do veto ao uso de calças e/ou shorts pelos seus responsáveis na época. Todavia, existe um debate ainda em questão sobre o corte/modelagem da roupa. Foi pontuado que calças com cortes que remetem a formatos tradicionalmente utilizados por homens não seriam adequadas ao uso feminino em nenhum contexto. Mulheres deveriam restringir suas escolhas aos cortes amplos, remetendo a saias, ou reconhecidamente femininos. (SILVA et al., 2020, p. 10)

Outro ponto apurado nas entrevistas feitas por Silva et al. (2020, p. 10) é que, “embora exista uma grande restrição ao estilo da roupa, não existe restrição sobre o local de compra”.

Todas as entrevistadas mencionaram utilizar lojas online não autodenominadas como evangélicas para compra de roupas. As entrevistadas reforçam não ter nenhum desconforto em entrar em qualquer loja em busca das roupas que as agradem e obedeçam ao padrão de "moda comportada". Por outro lado, todas pontuaram o crescimento de lojas de "moda evangélica" e que isso facilita o acesso e a diversificação dentro desse estilo.

Antigamente as vestes evangélicas eram de confecções próprias, pois os recursos eram escassos e a havia pouca oferta de roupas dentro do padrão doutrinário religioso, principalmente das mulheres evangélicas. Devido a essa procura foram surgindo lojas para o público evangélico e que hoje se tornaram grandes marcas oferecendo produtos que se encaixam a doutrina da igreja. Neste aspecto, Ribeiro (2021, p. 11):

Para o mercado especializado em moda evangélica, o público evangélico é caracterizado por usar roupas mais conservadora, inicialmente as peças criadas possuíam comprimentos longos, modelagem básica e sem muita informação de moda, era uma única padronização. Entre as marcas era muito difícil diferenciar as peças, pois todas eram cópias fiéis umas das outras.

Sobre a “clássica” saia jeans, o site *Via Evangélica* explica que o mercado de moda evangélica, como se conhece hoje, começou nos anos 2000, quando se percebeu a “dificuldade das mulheres evangélicas de encontrarem uma roupa que se encaixasse em sua doutrina da igreja”. Em paralelo a isso, empresas fabricantes de jeans perceberam que “o mercado do jeans para mulheres em geral estava saturado”.

Além disso, alguns destes empresários, ouviam suas esposas e mulheres da família “reclamando por não ter roupas que de qualidade que condiziam com sua crença”. Teria sido aí, que estas empresas perceberam que havia um nicho de mercado carente, colocando “suas produções voltadas para as evangélicas, visando atender melhor o público e, conseqüentemente, aumentar o número de vendas”. “As lojas pioneiras começaram com um pouco de medo, um tanto quanto arriscado começar a produzir o que ninguém produz. Mas logo se espantaram com a quantidade de procura do produto!”. Acredita-se que o sucesso da saia jeans seja pelo fato de ser versátil, bonita e confortável que deixavam as mulheres “elegantes sem deixar de compactuar com sua própria doutrina”.

### **3.3 Mercado de moda feminina modesta, descente e discreta**

Com o crescimento do consumidor evangélico, Ribeiro (2021, p. 11) destaca a existência de “vários artigos religiosos e produtos feitos especialmente para eles no mercado”.

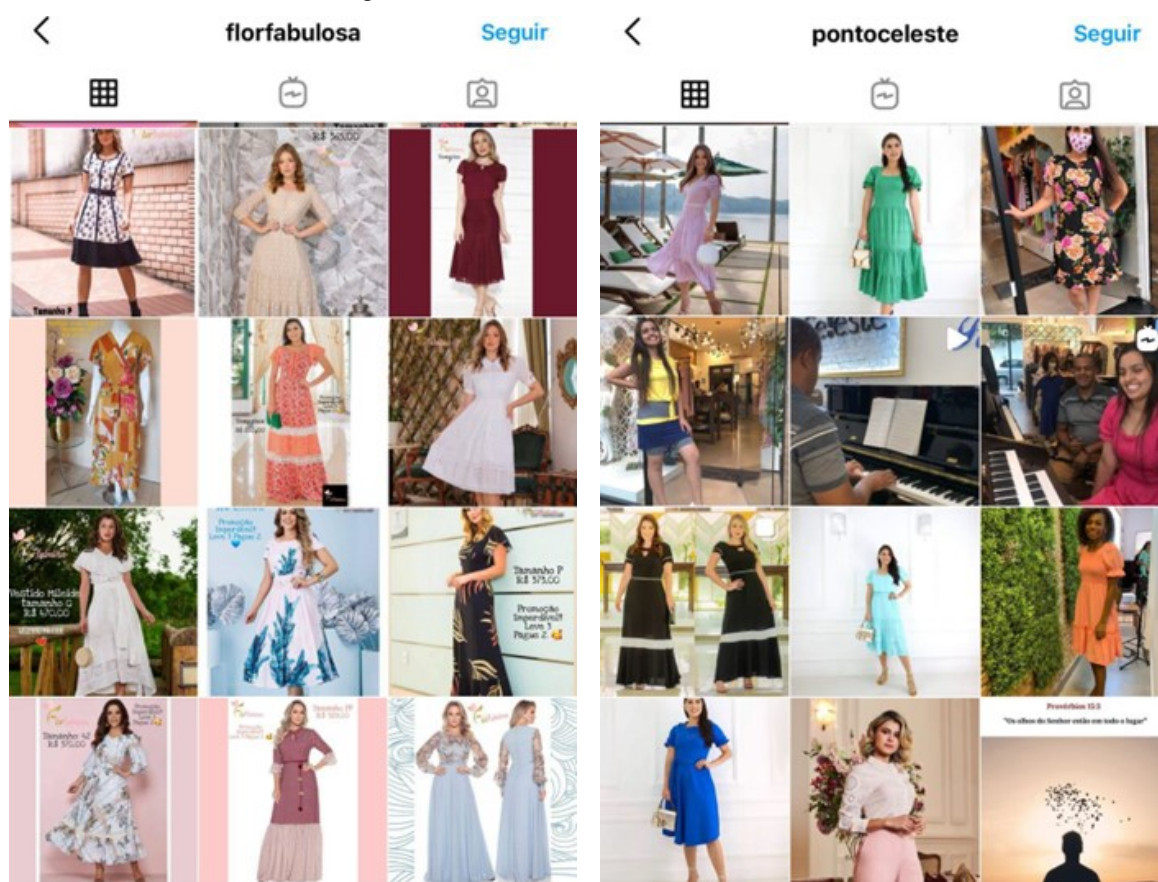
Hoje já tem uma demanda muito grande atendendo esse público de acordo com as tendências da moda, sendo assim, foi cativando o público com suas novas ideias de dar uma sofisticação para as peças e dando uma modelagem diferente saindo dos padrões que era e dando um foco a mais para a moda. Como a ideia não é mostrar corpo, uma roupa sofisticada e charmosa é a maior procura das evangélicas. Uma roupa que veste bem, com um bom acabamento e um tecido de qualidade, é o que a maioria das mulheres evangélicas buscam. (Ribeiro, 2021, p. 11)

Com base em Ribeiro (2021, p. 27, 44 e 45) pode-se citar as marcas Ponto Celeste, Flor Fabulosa e Via Tolentino como marcas que proporcionam vestes evangélicas dentro dos padrões religiosos.

A loja Flor Fabulosa (Fig. 14a) atende aos padrões religiosos, mas oferece um mix de estampas com tecidos leves e sofisticados e variadas cores em seus vestidos de comprimento abaixo do joelho com mangas com transparência demonstrando elegância e decote nada exagerado.

A Ponto Celeste (Fig. 14b), oferece vestidos clássicos e modernos e estampas florais e cores de acordo com os padrões que ainda permanece na doutrina religiosa evangélica, como azul escuro, branco, verde, laranja entre outras.

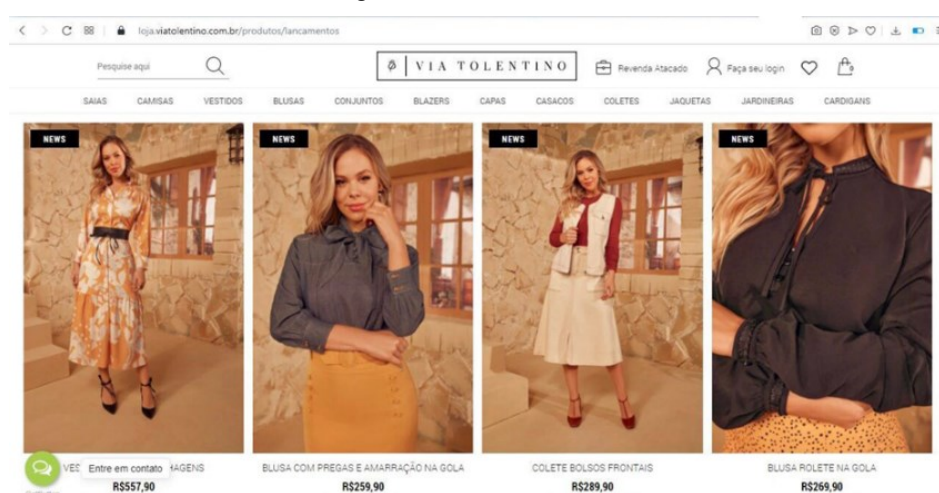
Figura 14 – Flor Fabulosa e Ponto Celeste



Fonte: RIBEIRO, 2021, p. 43-45.

Por fim, a marca Via Tolentino busca atender as mulheres evangélicas e executivas modernas fazendo uso de matéria prima diferenciada em tecidos de formas atuais e exclusivas, proporcionando feminilidade, sofisticação e requinte, através de uma moda com personalidade.

Figura 15 – Via Tolentino



Fonte: RIBEIRO, 2021, p. 29.

Neste trabalho, muito se falou da preocupação com as mulheres jovens, mas em entrevista de Rafaela Polo (2024) com Quezia Querem Marsola (38 anos), que é evangélica, frequentadora da Congregação Cristã do Brasil e proprietária da loja 'Querem Vestidos' em Santo André, demonstrou que hoje o problema começa com as crianças, que por vezes, se vestem como adultas por não terem opções adequadas a este segmento para esta idade.

Ela conta sua própria experiência em que relata que “cresci em uma cidade pequena, São Francisco (MG), onde a cultura da religião era muito forte. Meninas sempre se vestiam como adultas. Bastava fazer 10 anos e ter uma saia jeans que servisse que ela, acompanhada de uma camiseta, se tornava uniforme”.

Já quando ficou moça e teve que procurar emprego, ela relata que “Teve uma época em que a gente só tinha o casaqueto de lã, a camiseta e a saia jeans como opções. Nos sentíamos brega, perdíamos oportunidades de emprego porque não tinha sofisticação na vestimenta”. Com isso, na adolescência “começou a pedir à tia e à mãe, que sabiam costurar, pequenas alterações nas peças” que compravam ou que ganhava de presente. “Quando ganhávamos algo, minha tia desmanchava. Eu não podia mostrar o braço, mas a manga podia ter um detalhe. Tem de tampar a perna, mas a saia pode ter um franzido”.

Pensando nisso, as roupas de sua marca atendem desde o número 36 (informação encontrada no site da marca), que são números menores que podem atender as mulheres de corpo pequeno, ou adolescentes com o corpo ainda em desenvolvimento, o que é importante porque a adolescente já tem desejos próprios e necessidades específicas para que, da melhor forma, possa se encaixar em um grupo de trabalho, por exemplo.

Quando começou revendendo roupas entre as pessoas que conhecia e de porta em porta, a empresária apostava “em vestidos com corte discreto, mangas que cobrem os braços, saias mais longas e silhuetas que não marcam o corpo”. Depois, vendo a necessidade de suas clientes, começou a revender roupas em tamanhos maiores (*plus size*), mas aí surgiu outra necessidade: a das clientes provarem as roupas. Com isso, há dois anos, acabou buscando um espaço físico e investindo em confecção própria. Na loja, devido ao estilo modesto discreto e decente, “além de mulheres evangélicas, atendemos muitas executivas que não pertencem à religião. É bem legal de ver”. A empresária diz ter orgulho de suas conquistas, sentindo que “muda a vida das pessoas”.

Figura 16 – Quezia Quarem Marsola



Fonte: POLO, 2024.

Trouxemos influências, cores e tendências, adequamos o que víamos nas passarelas para que pudéssemos usar, sem ofender o que acreditávamos. E foi libertador. Nos tirou amarras e mudou a maneira como somos vistos na sociedade. Éramos tachados de feios, hoje somos modestos. (MODESTO apud POLO, 2024)

Por fim, Rossi (2015, p. 35 e 37) afirma que “a roupa pode ser vista como mais que um simples objeto que auxilia na constituição da linguagem simbólica. A linguagem, mesmo que passe mensagens, não significa que seja imutável, bem como os valores culturais ao longo dos séculos”. Diante dessa afirmação, entende-se que as vestes das mulheres evangélicas representam um símbolo religioso.

## 4 CONCLUSÃO

A jornada pela compreensão da moda evangélica revelou não apenas a influência das tradições religiosas na vestimenta feminina, mas também a luta das mulheres por aceitação e expressão dentro de suas comunidades.

A pesquisa identificou os valores bíblicos e culturais que orientam as escolhas de vestuário, evidenciando um debate constante entre a modéstia preceituada e as novas tendências de moda.

O trabalho evidencia a importância de compreender as normas e valores que regem a vestimenta feminina dentro desse contexto religioso. Ao equilibrar tradição e tendências, é possível promover uma visão mais inclusiva e menos preconceituosa sobre a moda evangélica, permitindo que as mulheres expressem sua fé e identidade pessoal de maneira contemporânea. Assim, a pesquisa contribui para um diálogo mais amplo sobre a moda, destacando a relevância da modéstia e da individualidade na escolha das roupas.

Ao abordar as limitações impostas e os caminhos para a reinvenção do vestuário, fica claro que a moda evangélica não é apenas uma questão de estética, mas também de identidade, espiritualidade e liberdade.

A necessidade de criar um equilíbrio entre os princípios religiosos e as influências contemporâneas sugere que tanto líderes religiosos quanto as próprias mulheres devem buscar uma abordagem que respeite essas tradições, ao mesmo tempo que abra espaço para a individualidade e o autoexame.

Assim, ao promover a diversificação e a modernização das opções de vestuário, não apenas se enriquece a oferta para o público evangélico, mas também se potencializa a autoestima e a autocompreensão dessas mulheres em um mundo em constante transformação. Portanto, o futuro da moda evangélica depende da capacidade de união entre tradição e modernidade, respeitando a essência da fé sem abrir mão da expressão pessoal.

De acordo com Rossi (2015), pode-se concluir que a moda evangélica e cristã é bem mais do que a moda, ela expressa muito de quem você é. O vestir na moda evangélica não é para ser difícil e sim algo bom, ao mesmo tempo bonito, elegante, modesto e recatado.

Pode-se ver que as evangélicas usam suas roupas na disciplina, não somente pelas regras disciplinares, mas por gostarem da própria disciplina imposta pela igreja, achando adequadas para si. De acordo com algumas evangélicas, pode-se pegar a moda da passarela e adaptar para uma moda evangélica.

De acordo com alguns relatos, antigamente as casas das pessoas deviam ser adornadas de acordo com as orientações de Deus, assim como suas vestimentas, pois assim estariam ligados a Deus, pois o corpo é a extensão da alma, vestir-se com tecidos caros não representa pecado, mas o orgulho, a soberba e o ser vaidoso, se torna pecado.

Atualmente, deve-se, portanto, ser simples e viver com muito zelo, pois pode-se entender que nos ensinamentos de Deus, de acordo com alguns relatos sobre as vestimentas de seus sacerdotes, ele ama as coisas limpas, bonitas e bem decoradas. Com isso entende-se que as evangélicas podem vestir-se com vestes bordadas e de tecidos caros, mas dentro dos padrões da disciplina da igreja.



## REFERÊNCIAS

AVANCI, Cristielly. O que é modéstia cristã? Saiba como vestir-se de maneira adequada! 15/03/2021. Disponível em <https://www.viaevangelica.com.br/blog/o-que-e-modestia-crista-saiba-como-vestir-se-de-maneira-adequada?srsltid=AfmBOooYhO3GaAWUaZT6x3P3SMX8rS2QiZ7cN3gVt2QNLI02y9fANRX8> . Acesso em 10/2024.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. Triunfo da Cruz: Como o cristianismo tornou-se a religião mais influente e poderosa do mundo. 10/09/2019. Disponível em <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-como-o-cristianismo-se-tornou-a-religiao-mais-influente-do-mundo.phtml> . Acesso em 10/2024.

BEZERRA, Juliana. Martinho Lutero. S/d. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/martinho-lutero/> . Acesso em 10/2024.

BÍBLIA.COM. É errado a mulher cristã se depilar? S/d. Disponível em [https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/gostaria-de-perguntar-sobre-a-depilacao-e-errado-a-mulher-crista-se-depilar-cd/#:~:text=N%C3%A3o%20era%20plano%20de%20Deus,seu%20corpo%20\(crescer%20pelos\)](https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/gostaria-de-perguntar-sobre-a-depilacao-e-errado-a-mulher-crista-se-depilar-cd/#:~:text=N%C3%A3o%20era%20plano%20de%20Deus,seu%20corpo%20(crescer%20pelos)). Acesso em 11/2024.

BLOSHKA. Moda feminina no século 13. 16/02/2023. Disponível em <https://bloska.info/2023/02/16/13th-%d1%81entury/> . Acesso em 10/2024.

CAMPOS, Vivian de Souza. Qual foi a primeira religião conhecida? 14/05/2024. Disponível em <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/qual-foi-a-primeira-religiao-conhecida> . Acesso em 10/2024.

COMUNHÃO. Você é cristão, crente, evangélico ou protestante? 15 de agosto de 2023. Disponível em <https://comunhao.com.br/voce-e-cristao-crente-evangelico-protestante-ou-pentecostal/> . Acesso em 10/2024.

CUNHA, Magali. Sobre crentes, protestantes, evangélicos e Rubem Alves. 19.02.2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/sobre-crentes-protestantes-evangelicos-e-rubem-alves/> . Acesso em 10/2024.

FLÜGEL, John Carl. A psicologia das roupas. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.

G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. 13/01/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> . Acesso em 10/2024.

GONÇALVES, Alonso. Evangélicos ou Protestantes? 15 de julho de 2022. Disponível em <https://religioepoder.org.br/artigo/evangelicos-ou-protestantes/> . Acesso em 08/2024.

GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HIGA, Carlos César. A arte rupestre. S/d. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-rupestre.htm> . Acesso em 10/2024.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 29/06/2012. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao#:~:text=8%2C0%25%20dos%20brasileiros%20se%20declararam%20sem%20religi%C3%A3o%20em%202010&text=O%20Censo%202010%20tamb%C3%A9m%20registrou%20aumento%20entre%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20que,%20C3%25%20em%202010>. Acesso em 10/2024.

JARDIM, Wellington. Compreenda qual é o dever da esposa. S/d. Disponível em <https://eto.cancaonova.com/mensagem-do-dia/saiba-qual-e-o-dever-da-esposa/> . Acesso em 10/2024.

KÖHLER, Carl. História do vestuário. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LIMA, Ana Quésia Reis. Moda Evangélica, Modéstia e Elegância: Equilíbrio entre fé, estética e tradição. Monografia (Tecnólogo) – Curso de Têxtil e Moda, Fatec Ministro Ralph Biasi, Americana, 2020. Disponível em [https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/10459/4/2S2020\\_Ana%20Qu%C3%A9sia%20Reis%20Lima\\_OD0859.pdf](https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/10459/4/2S2020_Ana%20Qu%C3%A9sia%20Reis%20Lima_OD0859.pdf) . Acesso em 08/2024.

MACE, Ruth. Como começou o patriarcado – e como a evolução pode mudá-lo. 16 outubro 2022. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63075928> . Acesso em 10/2024.

MALLET, Marcelo Teixeira. A Bíblia em ordem cronológica. S/d. Disponível em [https://www.bibliaon.com/a\\_biblia\\_em\\_ordem\\_cronologica/#:~:text=A%20B%C3%ADblia%20re%C3%BAn%20escritos%20do,%20C%20Lev%C3%ADtico%20N%C3%BAmeros%20e%20Deuteron%C3%B4mio](https://www.bibliaon.com/a_biblia_em_ordem_cronologica/#:~:text=A%20B%C3%ADblia%20re%C3%BAn%20escritos%20do,%20C%20Lev%C3%ADtico%20N%C3%BAmeros%20e%20Deuteron%C3%B4mio). Acesso em 10/2024.

NASCIMENTO, Sabrina Keitty Gomes do. A influência da doutrina da igreja Assembleia de Deus no vestuário e consumo de moda de suas adeptas. Monografia (Bacharel) – Curso de Design, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30410/1/NASCIMENTO%2c%20Sabrina%20Keitty%20Gomes%20do.pdf> . Acesso em 08/2024.

O POPULAR. Ramificações do cristianismo. 4 de abril de 2002. Disponível em <https://www.geocities.ws/claughnas/ramificacoes.pdf> . Acesso 10/2024.

ORTEGA, Ana Karolina. A moda e a manifestação da sabedoria em Israel. 28/04/2022. Disponível em <https://theinvisiblecollege.com.br/a-moda-e-a-manifestacao-da-sabedoria-em-israel/> . Acesso em 10/2024.

PALOMINO, Erika. Folha Explica a Moda. São Paulo: Publifolha, 2004. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u842.shtml> . Acesso em 10/2024.

PATRIMONIO NACIONAL. Comentário de São Beato de Lieban sobre o Apocalipse de São João. Disponível em <https://rbme.patrimonionacional.es/s/rbme/item/13137#?xywh=-1089%2C0%2C4672%2C3744> . Acesso em 10/2024.

POLO, Rafaela. Ela fatura R\$ 120 mil com roupas para evangélicas: 'Nos sentíamos brega'. 11/11/2024. Disponível em [https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/11/11/ela-lucra-de-120-mil-com-roupas-crente-deixou-de-ser-feio-apos-bolsonaro.htm?utm\\_source=whatsapp-network&utm\\_medium=compartilhar\\_conteudo&utm\\_campaign=organica&utm\\_content=geral](https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2024/11/11/ela-lucra-de-120-mil-com-roupas-crente-deixou-de-ser-feio-apos-bolsonaro.htm?utm_source=whatsapp-network&utm_medium=compartilhar_conteudo&utm_campaign=organica&utm_content=geral) . Acesso em 11/2024.

QUEREM VESTIDOS. Vestidos e looks modestos do pp ao plus. S/d. Disponível em [https://www.queremvestidos.com.br/?srsltid=AfmBOoqbydxq\\_9NiK0j8ZFwbXgPrQu3IZCy4\\_UhFVj3i262GG2k9Px1N](https://www.queremvestidos.com.br/?srsltid=AfmBOoqbydxq_9NiK0j8ZFwbXgPrQu3IZCy4_UhFVj3i262GG2k9Px1N) . Acesso em 11/2024.

RIBEIRO, Larice de Cassia. Consumo e pudor: moda evangélica no século XXI num estudo de caso da marca Balimar. Monografia (Tecnólogo) – Curso de Design de Moda, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/e2768c4d-be8a-4801-88e7-6fa25b1c446a> . Acesso em 08/2024.

ROMANATO, Daniella. Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word. Campinas: Incentivar, 2010.

ROSSI, Luzemar Gomes. A influência da religião nas roupas das mulheres protestantes pentecostais. Monografia (Tecnólogo) – Curso de Design de Moda, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2015. Disponível em [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5795/4/AP\\_CODEM\\_2015\\_1\\_16.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5795/4/AP_CODEM_2015_1_16.pdf) . Acesso em 08/2024.

SALOMONE, Roberta. A revolução dos Amish: da carroça ao Facebook. 08/08/2013. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/a-revolucao-dos-amish-da-carroca-ao-facebook-9420060> . Acesso em 11/2024.

SANTOS, Thais. Você conhece a história da moda evangélica? S/d. Disponível em <https://blog.bysophi.com.br/historia-da-moda-evangelica/> . Acesso em 10/2024.

SILVA, Daniel Neves. Religião. S/d. Disponível em <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/religiao> . Acesso em 10/2024.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. Revista de Estudos da Religião, Nº 2, pp. 1-14, 2004. Disponível em [https://www4.pucsp.br/rever/rv2\\_2004/t\\_silva.htm](https://www4.pucsp.br/rever/rv2_2004/t_silva.htm) . Acesso em 08/2024.

SILVA, Israel. Introdução à Geografia Bíblica – A Terra de Israel. 19/04/2017. Disponível em <https://acruzhebraica.com.br/antigo/introducao-geografia-biblica-terra-de-israel/> . Acesso em 10/2024.

SILVA, Rosemeire de Souza Vieira; RAPOSO, Larissa Luz; CARVALHO, Caio Henrique Decicco de; NORONHA, Matheus Eurico Soares de. Em um mundo com tantas opções, por que mulheres evangélicas optam pela restritiva moda comportada? In: CLAV 2020 - Congresso Latino-Americano de Varejo e Consumo, 2020, Online. Anais do 13º Congresso Latino-Americano de Varejo e Consumo. São Paulo: FGV, 2020, v. 13, p. 1-15. Disponível em <https://conferencias.fgv.br/clav/article/view/539> . Acesso em 10/2024.

VIA EVANGÉLICA. A história da moda Evangélica – Como ela surgiu? 17/08/2018. Disponível em [https://www.viaevangelica.com.br/blog/moda/a-historia-da-moda-evangelica-como-ela-surgiu?srsItid=AfmBOopFQgrGf1r\\_uFwWx6N-YczXsJOF4od0YbcQ4-J37maszQcpWxoS](https://www.viaevangelica.com.br/blog/moda/a-historia-da-moda-evangelica-como-ela-surgiu?srsItid=AfmBOopFQgrGf1r_uFwWx6N-YczXsJOF4od0YbcQ4-J37maszQcpWxoS) . Acesso em 10/2024.

VIDAL, Iara. Moda evangélica: a fé que inspira tendências do guarda-roupas. 24/10/2023. Disponível em <https://revistaforum.com.br/opiniao/2023/10/24/moda-evangelica-fe-que-inspira-tendencias-do-guarda-roupas-146450.html> . Acesso em 10/2024.